

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 3 DE SETEMBRO DE 1887  
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 140

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

## REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,  
A. de Souza e H. de Magalhães

## GERENTE

G. CABRAL

## SUMMARIO

|                             |                 |
|-----------------------------|-----------------|
| Expediente.....             | FILINDAL.       |
| História dos sete dias....  | V. MAGALHÃES.   |
| Ramallo Orthigão III.....   | A. P.           |
| Cartas paulistas—IV.....    | V.              |
| Notas bibliographicas.....  | T. DE S. FILHO, |
| « O ensino tecnico no       | J. RIBEIRO.     |
| Brazil».....                | A.              |
| Notas philologicas.....     | V. MAGALHÃES.   |
| Joanaes e Revistas.....     | R. OCTAVIO.     |
| O vigario, poesia.....      | P. TALMA.       |
| O meu céu, soneto.....      | H. DE MAGALHÃES |
| Theatros.....               | L. M. BASTOS.   |
| Raymundo Corrêa, soneto     | TIO ANTONIO     |
| Sport.....                  | V. BRIGINO.     |
| Festas, bailes e concertos  | M. C. V. GUNHA. |
| Collaboração — O tigre, so- | ENRICO.         |
| neto.....                   |                 |
| » Contraste,                |                 |
| poesia.....                 |                 |
| Factos e Noticias.....      |                 |
| Correio.....                |                 |
| A nuncios.....              |                 |

## EXPEDIENTE

### ASSIGNATURAS

#### CÔRTE

|                |        |
|----------------|--------|
| Trimestre..... | 2\$000 |
| Semestre.....  | 4\$000 |
| Anno.....      | 8\$000 |

#### PROVINCIAS

|               |         |
|---------------|---------|
| Semestre..... | 5\$000  |
| Anno.....     | 10\$000 |

Está percorrendo as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'A Semana, o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representarnos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia queiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'A Semana.

## BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereremos um dos seguintes brindegues, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

O mez de Agosto sempre nos pregou uma peça este anno! Estavamos todos acostumados a gozar nesse bello mez uma deliciosa temperatura, serena e fresca, assistindo ao começo da floração das plantas, vendo a grande Natureza engalanar-se toda para as festas perfumadas e coloridas da Primavera, com céu limpido e calmo, de um azul immaculado e intenso, dormindo bem na frescura suave das noites serenas, sentindo a riqueza dos musculos e a maciez da pelle secca tonificada pela temperatura benefica—e vae senão quando o Agosto sae-nos um mez ardente, detestavelmente incommodo, despejando sobre nós, pobres cariocas afflictos, um calor de Janeiro, camarinhando-nos o corpo de suor, fazendo pesar sobre nós uma athmosphera de chumbo, seccando as plantas, amadorrando a Natureza toda na calma somnolenta de um verão intenso!

Ora bolas, Ex. Sr. Agosto!

Eu por mim cheguei a pensar que a Temperatura havia enlouquecido; porque uma Temperatura de juizo são não podia decentemente trazer em Agosto aquelle cortejo de brazas. Felizmente, Agosto, no seu ultimo dia de vida, reivindicou os seus direitos e restabeleceu os seus creditos dando-nos uma chuvinha meuda, que cahio a medo, hesitante, sobre a cidade, mas que servio para nos refrescar um pouco e ajudou as arvores a florir. Porque a Natureza sem flores não presta para nada; as flores são a alegria e a expansão da Terra; quando ellas faltam, como no outomno, a Terra é triste e espalha nas almas uma consternadora melancolia. Bemdicta seja a Natureza, que produz as flores gloriosas e perfumadas, encanto purificador dos sentidos, purissimo e incomparavel prazer do espirito!

Pisou as calçadas da rua do Ouvidor nesta semana o mesmo exocerevel personagem que no seu paiz andou por longos annos pisando a dignidade humana sobre os cadaveres dos seus irmãos—o príncipe D. Carlos de Bourbon. Este sujeito insensato e ambicioso, vergonha da nobre e altiva Hespanha, deu-se ao luxo de vir passear á America, e tambem por aqui passou, por este paiz socegado e pacato, que tem horror ao sangue e detesta as luctas cruentas. A nossa imprensa recebeu-o com uma benevolencia injusta, e houve mesmo uma folha que julgou a capital honrada com a visita de D. Carlos. A nós o que sinceramente se nos offerce dizer é que para ser tão sanguinoso e tão pulha não é absolutamente necessario ser príncipe. O povo quiz ver o fami-

gerado chefe das legiões do cura Santa Cruz, o commandante da horda de bandidos e malfiteiros que tem assolado a gloriosa patria de Rodrigo de Bivar, inundando de sangue provincias inteiras, cobrindo o solo de cadaveres; mas o povo tem a dupla desculpa da ignorancia e da curiosidade.

Que os ventos varram para bem longe de nós o príncipe fatal, e que elle haja por bem de uos dar por todo o sempre a inapreciavel honra da sua ausencia.

A gente, afinal, não tem coração de pedra nem fígados de bronze. Toda a porção de paciência que havia antigamente sobre a Terra foi monopolizada e gasta pelos sanctos da Escripntura e pelos outros com que mais tarde a munificencia papal enriqueceu a folhinha. Hoje estamos numa epocha de impaciencia, e é certo que a virtude antiga foi desthronada pela tolerancia moderna, que não só tolera, mas ainda applaude todas as ambições, neste seculo de conquistas incruentas, que dotou o mundo com as duas maiores forças que se conhecem—o vapor e a electricidade. O egoismo é a grande lei, e por elle é que se têm alcançado todos os bens mundanos que destructam as sociedades modernas. Além de racional isto é humano; e tudo que pretender combater o egoismo, que leva o homem a todas as descobertas, sedento e ambicioso de glorias, não passará de um esforço vão e desarrasoado. Todo aquelle que arranja para si uma porção de gloria, dá duas porções ao seu paiz e meia porção ao seu seculo.

Somos, pois, franca e decididamente pelo egoismo, embora proteste o Centro Positivista e toda a travessa do Ouvidor. Para responder a esses senhores, bispos da synagoga de Comte, bastaria lêr-lhes alguns capitulos de um livro que elles recommendam com grande empenho, e no qual se faz a apothese do egoismo, mais do que em nenhum outro—A *Imitação de Christo*.

Apezar, porém, d'estas idéas geraes, d'estes principios que professamos, nós quereamos o bem geral depois de termos, já se deixa ver, o bem proprio. Lisongeia-nos a doutrina do proverbio—*Matheus, primeiro aos teus*.

Somos, porém, tolerantes, respeitadores das creanças e das opiniões alheias. Mas aquelles que entraram de vestetales na casa de Christo, que se comprometteram por um voto e por um juramento, a deshumanisar-se, a ser castos, a ser bons, a ser mansos, a ser justos, a ser sanctos,—esses têm de ser altruistas e tolerantes por profissão e por fé. Pregam a bondade divina do crucificado, a rectidão, a tolerancia com o erro, a mansuetude, todos os bons senti-

mentos humanos; pretendem dirigir as acções e edificar as almas; queream fazer do homem um anjo e conduzi-lo pela mão ás regiões prometidas da eterna justiça incorruptivel, da immensa bondade e da infinita misericordia. São estes taes os padres da Igreja catholica.

Todas estas reflexões christans vêm a proposito de um acto que me narraram ha dias e que me atravessou a alma como uma espinha de peixe me poderia atravessar a garganta. Foi o caso que um pobre turco, que se occupa em vender detestaveis sanctos chromolithographados, por debaixo do passadiço do paço imperial, á rua 7 de Setembro, comprou a um vendedor ambulante da *Sociedade Biblica Americana* um exemplar dos Evangelhos. O bom homem dispuñha-se a comparar a opinião de Marcos com a de João e a de Lucas com a de Matheus, sobre a vida do Salvador, quando um padre catholico, tolerado pelo Sr. bispos Lacerda e Coelho Bastos, se a tirou a elle, arrebatou-lhe o livreco, rasgou-o em mil pedaços, e entregou-lhe os fragmentos. O turco attonito, que não sabia que nesta terra das liberdades constitucionaes, onde pela lei todos os cultos são respeitados, um sacerdote de Christo se podia atrever a lançar mão do alheio, como qualquer malfiteiro, ficou boquiaberto, chorando os cinco tostões de religião e de fé protestante que pouco antes havia dispendido. O padre, imperturbavel e sereno, seguiu o seu caminho, com a consciencia tranquilla por ter satisfeito a Deos e ao Papa, unicos poderes que reconhece como infalliveis.

Ora eu tinha intenção de comprar tambem um exemplar dos taes Evangelhos americanos para os confrontar com os da vulgata latina—mas agora já não me atrevo.

Não me atrevo; não porque tenho medo de padres, mas porque se o tal me vier roubar a minha legitima propriedade, eu, que tenho um genio levado de seiscentos diabos—apite, ha um chimfrim, um rôlo quente, o padre sae no passo do constrangimento, vem a policia, leva-me preso, vem o Sr. bispo e excommunga-me, vem a Justiça e condemna-me, e cá têm de ficar os meus numerosos leitores sem o saboroso pabulo da minha prosa!

Tó, rola!

Nada. O Sr. padre Qualquer Coisa, quando vossa reverendissima esticar a canela queira mandar avisar-me, para que eu possa gosar á vontade do que me pertence.

Não lhe custa nada e presta um serviço ao

FILINDAL.

## RAMALHO ORTIGÃO

III

O auctor das *Farpas* deve tudo o que é e tudo o que tem sido á circumstancia de possuir uma saude perfeita. Elle realisa inteiramente o preceito fundamental da educação, instituido naquella celebre hemistichio de Juvenal—*Mens sana in corpore sano*.

Basta vel-o uma vez para reconhecer a veridade d'este asserto.

Ninguem deu ainda mais nitida e flagrante impressão do physico de Ramalho do que Teixeira de Queiroz.

«Qualquer pessoa que suba o Chão, ás 4 horas da tarde—escreveu elle—póde facilmente cruzar com um homem alto, espadado, barba escrupulosamente feita, luneta grande de tartaruga e chapéu baixo, um tanto inclinado para a direita.

«Este individuo anda desembaraadamente, como quem vae tratar de um negocio, e maneja a sua grossa bengala com a soberba magestade de um tambor-mór. E' uma figura evidente, que se destaca da multidão pelo vestuario de inglez, pelo andar rasgado de rico mineiro da California, pela cara saberba o risonha, como a de um lavrador ribatejano quando atravessa a lezíria montado na sua egua.»

E' isso exactamente.

A impressão que me deixou no espirito, quando o fui visitar dias depois da sua chegada, foi a de uma exuberancia de saude e, portanto, de alegria, de força e de serenidade.

Conversava eu como o seu irmão, o illustrado e benemerito propugnador do Gabinete Portuguez de Leitura, e com outro cavalheiro acerca de Ramalho, que estava, no pavimento superior da casa, concluindo a sua *toilette*, e dizia-me aquelle que este, sendo mais velho do que elle, parecia mais moço, que, tendo cincoenta annos, não figurava ter mais do quarenta, quando este entrou, lépido, gentil, affavel, correctamente encasacado, altos collarinhos alvissimos, gravata branca atada graciosamente; e de todo elle exhalava-se um perfume de agua da Colonia, sabão inglez e charuto de Havana.

Senti-me aniquillado e auido, absolutamente imprestavel, com os meus vinte e tantos annos, juncto e deante d'aquelle quinquagenario juvenil, possante, prompto para tudo e para tudo apto e disposto.

Ramalho tem a religião da Força. Em poucas palavras, faças, precisas, coloridas, expoz-me as bases do seu culto.

—E' muito util que se pense de um escriptor que elle é—um burro, na força. Começa porque ninguem se atreverá a dizel-o!

Toda a preocupação actual de Ramalho é fazer do neto—uma eacanta-Jora criança, cujo retrato mostrou-me embebecido—um bom animal, primeira qualidade, qualidade fundamental da educação, no pensar de Emerson.

Ramalho considera a vida como, segundo elle coata em *John Bull*, consideram os iaglezes a regata. E' impellir para a frente, á força de pulso, a gniga da vida. «Quem não pode, rebenta; tem o recurso de estourar. Ninguem lh'o prohibe.»

Esta theoria é cruel, mas é verdadeira. Não é opportuno discutil-a agora.

A impressão capital que me dá este

homem, com o seu aspecto, os seus actos e os seus escriptos, é a saude, repito-o; mas a triplice saude que constitue a felicidade humana—a saude do corpo, do espirito e do coração,—a saude physica, a saude mental e a saude moral.

O seu coração, como o seu cerebro, deve ser, figurativamente, uma bella casa branca, erguida em meio de um jardim, perfumada de rosas, rouxinolada de passaredo, atravessada largamente de luz por todos os lados, varrida de ar puro, fresco, leve, por grandes janellas escancaradas; uma casa impropria para esconder segredos, sem um canto escuro em que se possa acocitar qualquer sentimento baixo, d'esses que se alimentam de treva como de lama os vermes; uma casa em que entrem e saiam continuamente jorros de luz e halitos de flores, borboletas travessas e alegres cantigas do campo, cheiros fortes de tronçagens e folhedos humidos e revoadas chalrantes de passarinhos e de crianças.

D'essa saude, geral e perfeita, provem o equilibrio admiravel das facultades e das forças de Ramalho e a absoluta harmonia dos actos da sua vida com as theorias, com as opiniões, com o espirito das suas obras.

O eminente critico deve um livro aos seus admiradores: aquelle em que, á imitação de Stuart Mil, escrevesse a historia das suas ideias.

E' curioso e dever ser interessantissimo conhecer e acompanhar o desenvolvimento evolutivo do seu espirito, desde o seu desabrochar, em pleao viço do Romantismo, até alcançar o estado de maduresa e de maxima expansão potencial, em que hoje se acha.

Faltam-me elementos, lazer e competencia para tentar esse estudo e descobrir, em sua successão chronologica, determinando a respectiva força de cada uma, as influencias transformadoras do espirito de Ramalho.

Julgo, todavia, poder affirmar, como simples nota, como apontamento solto para aquelle estudo, que os escriptores que maior influxo e mais profunda impressão exercem sobre Ramalho são—Michelet, Paulo Luiz Courier, Affonso Karr, Proudhon e Spencer.

Do estudo das obras de Courier e Karr nasceu, parece-me, a ideia e o plao das *Farpas*.

Ramalho tem com o simples, honesto e judiciosissimo *vigneron* que escreveu o *Pamphlet* dos *pamphletos* ainda mais traços de semelhança do que mesmo com o espirituoso e sensato jardineiro que escreveu as *Vespas*.

Na monumental reedição completa das *Farpas*, emprehadida este anno pelo arrojado e benemerito edictor David Corazzi, penso que se podiam inscrever, na primeira pagina de cada volume a divisa de Courier: «Eis os meus principios. Entre dois pontos é a linha recta a mais curta; o todo é maior que qualquer das suas partes; duas quantidades eguaes a uma terceira são eguaes entre si. Tambem penso que *dois e dois fazem quatro*; mas não teaho certeza; e tambem a razão explicativa dos intuitos das *Guépes*: «Estas pagiaas destinam-se a fazer conhecida á expressão franca e inexoravel do meu pensamento sobre os homens e sobre as cousas, inteiramente fóra de qualquer ideia de ambição e de qualquer influencia de partido.»

No immortal *vigneron* da Chavonnière, bucheron de la forêt de Larcay, labourer de La Felonnière, de La

Houssière e autres lieux» (1), no traductor de Xenofonte, no valente official patriota e patriótico pamphletario, perseguido pelos governos e pelos seus agentes porque estes não conversavam com elle para convence-lo de erro, nem lhe respondiam aos escriptos que elles consideravam criminosos, (2) e encontrou Ramalho o melhor guia na arte de zurzir os poderes ephemeros, de atacar abusos que podem transformar-se mas não desaparecer», (3) Com elle, principalmente—segundo me parece, repito—aprendeu a boa ironia masculina e proficua, o amor supremo da Verdade e da Simplicidade, a cultura do estilo com a religiosa affeição e paternal carinho do lavrador dos campos, a rustica singelosa da expressão. Ramalho, como o signatario da *Petition aux deux Chambres*, ama a Liberdade «por instincto, por natureza.»

Quem tiver lido o bello e completo estudo de P. L. Courier por Armand Carrel—ambos, por estranha coincidência, desastrosamente mortos—e conhecer a obra d'aquelle e a de Ramalho Ortigão, admirar-se-á da enorme afinidade dos espiritos d'estes dois escriptores.

A Ramalho cabem quasi todos os elogios e quasi todas as censuras feitas pelo desventurado adversario de Emilio de Girardin ao illustre continuador das tradicções de Voltaire e Beaumarchais.

Encontrará no pamphletista portuguez *scotte verve de raillerie méprisante et cruelle* e «o vigor aliado á graça, a originalidade a mais imprevisita juncta á mais perfeita naturalidade.» E descobrirá em Ramalho tambem alguns dos defeitos—defeitos, aliás das suas qualidades—de Courier.

Assim, por exemplo, são cabiveis áquelle as censuras de Carrel a este, que não traduzo receiando adulterar-lhes o verdadeiro sentido:

«Tout ce qu'il avait produit jusque-là n'était point sans déplaire à quelques lecteurs par le retour frequent des mêmes formes, par le suranné d'expressions qui montrent la recherche et n'ajoutent pas toujours au sens, par la manière de cette naïveté villageoise, un peu trop ingénieuse, qui va se transformant à travers les combinaisons de raisonnements les plus deliées, du paysan au savant et du soldat au philosophe. Enfin, l'art du monde le plus raffiné semblait embarrassé de lui même. Ce pamphletaire, qui ne gérait d'aucune vérité périlleuse à dire, hésitait sur un mot, sur une virgule, se montrait timide à toute façon de parler qui n'était pas la langue de ses auteurs.»

«Le *Pamphlet des Pamphlets*—disse Carrel, porfim,—montra le talent de Courier arrivé à ce periode de puissance ou l'écrivain n'imita plus personne et pretend servir d'exemple a son tour.»

O mesmo se pode dizer das *Farpas*. Mas, se com o auctor do *Pamphlet des Pamphlets* aprendeu o odio sancto—porque, como o amor, tambem o odio é sancto: disse-o Zola—aos oppressores, aos mandões, aos abusos e aos crimes dos governos; com o escriptor das *Guépes* aprendeu a detestar e combater os ri-

(1) *Reposse aux anonymes qui ont écrit des lettres à Paul Louis Courier, vigneron, (1832.)*

(2) *Ibidem.*

(3) N. David. *Avertissement da edição das Obras-primas de P. L. Courier. Bibliothèque Nationale, 1881.*

dículos, convencido, como elle, de que «os ridiculos desaparecem, mas sómente para serem substituidos por outros.» Com elle, mórmente na segunda phasa das *Guépes*, affeição-se á voluntaria missão de pedagogo e moralizador; tomou gosto pelo estilo sentencioso, pela *boutade* imprevisita, pelos *saillies* da espirito, pela fórma paradoxal. Como elle, convenceu-se de que «os nossos defeitos como os nossos erros, os nossos vícios como os nossos defeitos, são o apanagio da especie, e que se deve ser mais severo para a Humanidade do que para os homens, para a sociedade do que para os individuos.» (4)

Hoje Ramalho Ortigão reúne todas as qualidades caracteristicas de Courier e Karr e muitas das de Michelet, Proudhon, pondo-as ao serviço da sua individualidade potentissima e fazendo com ellas as obras criticas mais profundas, mais vastas, mais bellas e mais originaes da lingua portugueza.

Hoje é um mestre, senhor de todas as grandes verdades do mundo moderno, nas letras, nas artes, nas sciencias e nos costumes; e senhor da penna a mais competente e mais forte para pregalas e propagalas, fazendo o apostolado sancto da Natureza, da Graça, da Força, da Verdade e da Puresa.

Tendo o Brazil presentemente a honra de hospedar um homem e um escriptor como o que, —atrevida e ligeiramente—acabo de esboçar, dou-me prêssea em levar-lhe, vestindo a minha roupa mais alegre e o meu mais alegre sorriso, o cordial aperto de mão domais insignificante, mas tambem, em compensação, do mais convencido e grato dos seus admiradores.

VALENTIM MAGALHÃES.

2—9—87.

## CARTAS PAULISTAS

IV

31 de Agosto.

S. Paulo lavrou um tento em materia de jornalismo.

Inaugurou-se ha poucos dias o novo escriptorio d'A *Vida Semanaria*, em uma commoda e espaçosa sala da rua de S. Bento, arranjada com muita arte e capricho, de modo a tornar-se um magnifico centro de palestra em horas desocupadas.

Para isso não lhe falta attractivo e conforto, tanto que já muita gente se habituou a ir preisar para ali, entre as duas e as tres horas da tarde, quando o Bento descança o seu lapis bregeiro e alegre, recostado á saccada, ostentando na lapella do casaco uma formosa camelia, e ao canto do olho um originallissimo e atrevido monoculo...

E além de boa prosa, encontra-se ali um sem numero de revistas de todos os paizes, folhas parizienas chegadas de fresco, e uma grande variedade de desenhos e caricaturas de todo genero, no pequenino e gracioso *atelier* do Bento Barbosa.

A tudo isso reuna-se um bom cafézinho ás 2 horas... e o Castro Lima verá que alegrão ha de reinar todos os dias no escriptorio do seu interessante semanario.

(4) G. Yapereau. *L'année littéraire et dramatique, 4º anno. Vol. 4º pag. 243.*

Já temos as caricaturas, as revistas, as illustrações, as gazetas, o Olavo, o Banto, o Parnatta...

Falta só o café.  
Como se vê, é couso facillina de se remediar.

Agora, que tempo durará esta Fida, e, portanto, este *doce far niente*, que é o nosso consolo em uma terra de poeira, de garó e de cadáveres... eis a grave e tetrica pergunta a que vou fugir de responder.

Todavia, os rupazes estão em uma incrível azafuma de propaganda e réclame.

Espalham circulars por toda parte, e já hontem eu vi o gerente,—que é um poeta, triste como uma carteira vazia—sorrir alegremente, acariciando umas notas do banco, das verdades, que das mãos de uma benemerita assignantes passaram para a sua gaveta, sedenta de papel—moeda. Mas... nem tudo corre pelo melhor, neatas cousas de imprensa, e a *A Vida Semanaria* hs de ter seus espinhos, como qualquer outro folha. Senão vejam o que se passou ha dias:

O distribuidor das circulars procurou muito delicadamente um conhecido negociante da rua Direita e lhe entregou um prospecto.

O honrado carne-secca passou os olhos pelo papel e em seguida, fulo de raiva concentrada, amarrotou-o, berando:

— Qual hebdomadario, qual nada! *Separatista* é que ella é. Vão pro' o meio do inferno; não assigno nem que me rachem!

E, vomitando uma obscenidade, o bom do homem voltou para o seu trabalho, muito atrapalhado, a suspender as calças, que lhe escorriam pelas pernas gordurosas e molles...

Delicioso!

Acabou-se a bohemia de S. Paulo. Já se não podem deixar abertas as portas das *repúblicas*, pela noite em fora, ao vento humido que por aqui assobia funebremente... Já se não pôde sahir, em serenatas ao luar, deixando os *cacarecos* em seu habitual desalinho...

Os gatunos entregaram-se á phantasia de saquear as nossas casas, que até hoje não tiveram chave, e que foram sempre respeitadas pelos mais habéis e distinctos ratoneiros que S. Paulo temido a honra de hospedar. Que vergonha, meus ricos senhores! Que rebaiamento e quo desmoralisação para a arte que até hoje vossas senhorias cultivaram com tanto esmero!!

Roubar estudantes. roubar uns pobres bohemios, tristes e magrissimos poetas, para quem o tostão é uma providencia, os mil réis um sonho, os cinco mil réis um mytho e os dez uma utopia...!

Que vergonha, senhores gatunos, que vergonha e que degradação!

Digo-lhes francamente:—depois que vossas senhorias furtaram tudo quanto tinha o meu magro amigo Herculano de Freitas, depois que deixaram em ceoulas o não menos magro Felix Bocayuva, e que saquearam o bahú de folha, cheio de vento, que pertuce ao Bilac e ao Barbosa... Perderam tudo no meu conceito.

São nns ratoneiros vulgares, cynicos, estupidos e pilhas.

Não valem dois caracões.

E tenho dito.

A. P.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Dia a dia accumulam-se os serviços prestados pela Sociedade Central de Imuigração ao paiz. Ultimamente encetou a publicação e distribuição gratuita de livros de propaganda, tendo sido os dois primeiros da livra do indefesso e benemerito fundador da Sociedade, o Sr. senador Taunay.

Do terceiro incumbidos o Dr. Tarquínio de Souza filho, escrevendo « *O ensino tecnico no Brazil.* »

É um elegante e solido volume de 215 paginas, em superior papel, nitidamente impresso na Imprensa Nacional.

Comprehende a obra: I *O problema do ensino em nosso seculo*; II *O ensino publico no Brazil*; III *Reforma do ensino secundario*; IV *Necessidade da organisação do ensino tecnico no Brazil*; V *Escolas technicas em nosso paiz*; VI *Escolas technicas estrangeiras*; VII *Organisação do ensino tecnico nacional*; VIII *Acção do Estado e da iniciativa privada na organisação do ensino tecnico* e fecha com uma extensa *Nota Bibliographica*, que attesta a variedade e grande copia de leitura do assumpto pelo illustrado escriptor.

É uma obra de alento, de espirito adeantado, de intuitos civilisadores e de incontestavel utilidade. É mais do que um bom livro: é um optimo serviço. Contamos voltar brevemente a occupar-nos com ella em artigo especial, com o preciso desenvolvimento.

Por hoje, recommendamos muito e muito a leitura de *O ensino tecnico no Brazil* a todos os Srs. senadores, deputados, autoridades do ensino, e especialmente ao nosso Governo, que tão pouco se mostra interessado em cousas de instrucção publica.

Pelo edictor Serafim Alves foi-nos offerecido um exemplar da seguinte obra: *Uma esperanza*; os *Cantos Populares do Brazil* e o Sr. Theophilo Braga, protesto por Sylvio Romero.»

É um livro por aparar, feito com o desleixo e descuido que caracterisam as edições do Sr. Serabim, e que tem 170 paginas.

Neste livro o attrabiliario e perpetuo resmuugador teuto-sergipano desanca o Sr. Theophilo Braga com tremebunda *descalçadeira*, accusando-o de lhe haver armado um laço. Já o titulo é expressivo: *Uma esperanza*...

Vamos ler o desabafo do Dr. Romero, o ingenho *logrado*, e depois falaremos.

Por agora, um agradecimento ao edictor pela offerta do livro.

O poeta Eduardo Chaves offereceu-nos um exemplar da sua comedia em verso *O Calouro*. É um trabalho despretencioso e sem outro fim que o de distrahir-nos por alguns minutos. Ha nelle alguma graça e alguns versos... desengraçados.

Prefacia-o Olavo Bilac.

F.

«O ENSINO TECHNICO NO BRAZIL»

Da importante obra recentemente publicada pelo Dr. Tarquínio de Souza filho, com o titulo suprs trasladamos o seguinte capitulo, digno de attenta leitura, por tractar uells o auctor, com

critério e proficiencia, do momento a questão de *O ensino publico no Brazil.*

O futuro do nosso paiz, sua prosperidade ou decadencia, depende em grande parte da solução que tiver a questão da educação e ensino das novas gerações. É uma verdade de experiencia e de senso commum: o nivel social eleva-se ou abaixa-se, segundo a mocidade é bem ou mal educada e instruida.

Quando a seiva vital de uma nação tende a diminuir ou a esgotar-se, pôde-se affirmar, sem temor de erro, que algum vicio radical existe na cultura dos espiritos, na orientação das intelligencias ou no affeioamento dos corações. A marcha ascendente de um povo, seu progresso moral e material são, ao contrario, indicios inequivocos de que os novos rebentos da população foram tratados com esmero, de modo a preparar gerações sãos, fortes, adestradas para a luta da vida.

« A prosperidade de cada paiz, diz uma notabilidade nestes assumptos anda paralelamente com a instrucção publica; sobe, desce ou estaciona com ella; havendo sempre entre estes dous factos uma conjunção incontestave que apresenta o caracter authenticico de causa para effeito. » (1)

Um outro escriptor, talento laureado, que fez da palavra uma clava em defesa das grandes causas a que consagrou sua existencia, affirma por sua vez: « O elemento mais necessario a uma nação civilisada é a instrucção publica, e o orgão capital de sua vida são as instituições destinadas a assegurar-lhe a acquisição e o desenvolvimento continuo da cultura geral. » (2)

Seudo assim, não duvidamos dizer que o nosso systema de ensino, a nossa instrucção publica reclama sérias reformas, carece de ser renovada por um espirito mais adequado ás necessidades do tempo; falta-lhe ar. vida, e movimento.

O estudo geral da organisação da instrucção publica em nosso paiz sahe porém do quadro que nos temos traçado. Examinado sob todos os aspectos, sob todas as suas relações, offerece extrema importancia e comporta consideravel desenvolvimento. Para o exame da questão especial que nos occupa não podemos entretanto prescindir de tratar, de um modo generico, de certos pontos que se prendem ao assumpto principal.

A reorganisação do ensino em seus diferentes grãos é necessidade geralmente sentida, e muitas vezes competentes se têm levantado no parlamento e na imprensa, reclamando uma reforma.

O nosso ensino publico resentese de uma tal auarchia, de um tal desequilibrio, e de uma falta de accordo com os interesses reaes do paiz e com o incessante desdobramento das suas forças individuaes e collectivas, que pode-se affirmar sem exaggeração—ha um grande trabalho de renovação a fazer.

Não queremos, porém, ceder a uma tendencia, muito generalisada entre nós e que se assignala pelo denegrir constante de tudo que é nosso, de todas as instituições patrias. Apontando os vicios, as lacunas e as imperfeições do

(1) J. Bandouin.—*Rapport sur l'enseig. spec. et l'enseig. prim. en Belgique, Allemagne et Suisse*—p. 492—1865.

(2) H. Didon.—*Les Allemands*—p. 55—1864.

nosso ensino nem por isso deixamos de reconhecer que se tem feito, os melhoramentos introduzidos e os esforços empregados para conseguir a sua elevação, collocando o paiz em par de outros paizes cultos.

Devi-lo a causas complexas. É innegavel, que estes esforços e a estes melhoramentos tem falta lo uma certa homogeneidade de vistas, a perseverança e a tenacidade, o conhecimento real das causas do ensino e das condições de seu desenvolvimento; e disto resulta que não tem o nosso paiz colhido todas as vantagens que ersem de presumir.

Temos feito alguma coisa, é certo: os orçamentos do Estado, da provincia e de raros municipios têm dotado o ensino com mais largueza que outróra; as leis geraes e provinciaes e suas respectivas regulamentações têm procurado seguir as lições da sciencia e o exemplo dos paizes cultos; temos alguns estabelecimentos de instrucção que nos honram, a iniciativa privada, individual e collectivamente, principia a mover-se, as questões de educação e ensino estão mais ou menos na tela da discussão; mas é força convir em que, tratando-se de objecto de tal transcendencia, tudo isto é pouco, muito pouco.

Estamos ainda bem longe do ideal a realizar. Não seja, porém, isto motivo para desanimo.

Em desoladoras condições achavuse a França em 1833, quando, por iniciativa do illustre F. Guisot, abriu-se o celebre inquerito que veio desvendando o lastimoso estado a que estava reduzido o ensino. Tristes eram então as perspectivas que se desenhavam aos olhos do observador attento a esta ordem de interesses, e deu-nos disto uma synthese tristemente eloquente P. Lorain no seu — *Tableau de l'Instruction Primaire en France.*

Pois bem; foi este o ponto de partida do movimento em favor da propaganda do ensino; datam dessa época as providencias decretadas em prol da instrucção publica; foi o exacto conhecimento do mal que deu logar ao emprego dos remedios para combatel-o. De então para hoje que differença! Como têm sido largamente compensados os esforços empregados pelos resultados obtidos! Que enorme progresso se verifica do paralelo estabelecido entre o antigo e o actual estado!

É assim que, pelo ultimo relatorio apresentado ao parlamento francez, em Novembro de 1896, vê-se que um dos factos mais caracteristicos nls consiguado é o augmento enorme da cifra da população das escolas primarias.

A população escolar eleva-se a 6.250.319 alumnos. Este algarismo, muito superior ao que accusava o ultimo recenseamento de 1881, dá bem a medida do quanto se tem colhido alli de bons resultados com a propaganda e com as reformas introduzidas. Razão, pois, tinha um distincto escriptor para affirmar que o trabalho realizado em materia de ensino, em França, nestes ultimos annos, é muito mais consideravel do que o de seculos passados.

Façamos o mesmo: reconheçamos o mal que nos afflige, os vicios que dsformam a organisação do nosso ensino, os erros committidos, as lacunas a preencher, e, por mais tristes que sejam, as conclusões a que chegarmos, o nosso patriotismo não tem o direito de lesanimar e ao contrario deve ser isto um incentivo para maior e mais energico esforço.

Unamos as nossas forças; o Estado e o individuo, a provincia e as associações, todos devem concorrer para esta grande obra de renovação social.

Não cremos que haja em nosso paiz um só homem capaz de sustentar o systema retrogrado, que vê um perigo na diffusão do ensino ás massas populares, fazendo da ignorancia das multidões, do malthusianismo do espirito, na phrase de H. Didon, a base da ordem publica e da prosperidade social.

Empreheendamos, portanto, resolutamente a reforma do ensino publico; entremos decididos na larga estrada dos melhoramentos do nosso systema escolar, procurando fazer delle não um simples aggregado, mas um verdadeiro organismo forte, vigoroso e bem equilibrado.

Conservemos o que tivermos de bom, reformemos o que fór compativel com o espirito de progresso; proscrevamos porém, sem piedada quanto tivermos de inutil, de rotineiro, de atrazado, de inconciliavel com os nossos interesses, as necessidades da nossa situação actual, tudo quanto puder embaraçar o nosso paiz na trajetoria da sua civilização.

Na questão do ensino, como em todas as outras que agitam a nossa sociedade e de que depende a constituição definitiva do caracter nacional, que atravessa ainda uma phase de transição, deve-se ter sempre por principio — favorecer todos os progressos legitimos e prevenir todas as innovações temerarias.

Não podemos aspirar immediatamente á perfeição; temos pouco mais da meio século de vida politica como povo livre e independente, e só evolutivamente conseguiremos conquistar o logar a que temos direito no congresso dos povos cultos. Neste assumpto, como nos demais que se prendem á sciencia social, os processos revolucionarios, os expedientes violentos estão irremissivelmente condemnados.

Si, na phrase de Mignet, quando uma reforma torna-se necessaria e é chegado o momento de realizal-a, nada a embarça e tudo a serve, para que ella se effectue realmente, desça ao dominio dos factos, entre nos costumes e não se limite a ficar platonica e apparatusamente consignada nas leis e nos regulamentos, é necessario que consulte as necessidades e as condições intimas da vida do paiz, attenda ao seu modo de aer como collectividade social e ás influencias excitantes ou debilitantes do meio em que tiver de desenvolver-se e fructificar. Do contrario, debalde se avolumarão as leis e os projectos reformadores, porque não hão de passar de latra morta, sem acção e sem prestigio.

Não temos a pretensão de traçar um plano completo de organização, e propondo-nos apenas a expôr algumas idéas sobre o ensino technico no Brazil, devamos a este intuito principal sujeitar todas as nossas observações.

O quadro do ensino popular por excellencia, da instrução primaria, foi recentemente e com fidelidade stereotypado, á luz da estatística e com a eloquencia convencadora dos numeros, por autoridade competente, em um documento parlamentar da mais alta valia; não nos cabe, pois, retrabal-o. (3) Quanto á instrução superior, importantissimas aob todos os sentidos, a

mais elevada manifestação intellectual do paiz, culminação suprema da vida cerebral dos povos, a sua organização, no ponto de vista especial em que nos collocamos, não nos interessa tão immediata e vivamente como outras partes da construção pedagogica de nosso paiz. Vozes autorizadas se têm levantado para encarecer a necessidade de sua reforma no sentido de constituir-a de modo mais consentaneo com o seu grande objectivo. São dignas de ser ouvidas.

Como objecto do nosso estudo, mais modesto, porém não meos util, está mais intimamente relacionada a instrução secundaria e sobre ella adduziremos ligeiras observações. O ensino secundario confina com o ensino tecnico; a organização de um não pôde ser indifferente a de outro. É certo que tudo se liga e se prende neste grave assumpto do ensino, o problema é de sua natureza complexo; mas aqui os laços existentes são taes, trata-se de um vicio que tem tão profundas raizes, que é preciso descobri-lhe as origens, estudal-o em todas as suas manifestações, procurando cortar-lhe todas as avenidas.

Ha em nossa organização escolar um forte desequilibrio. Todo o ensino das nossas escolas propõe-se exclusivamente a preparar as novas gerações para as funções publicas, deixando em esquecimento as funções privadas; destina-se áquelles que tem de exercer funções utís e necessarias, sem duvida, porém menos productivas, economicamente falando. O ensino, como se acha organizado, pôde servir, apesar de seus defeitos, para preparar o politico, o funcionario publico, o advogado, o militar, o medico; mas deixa em inteiro abandono os que têm de exercer as funções de commerciante, de agricultor e de industrial. É contra esta tendencia, que constitue uma clamorosa desigualdade, que reclamamos. Esta falsa direcção tem produzido e de futuro produzirá as mais deploraveis consequências.

Para corrigir este exclusivismo dos estudos, apropriados somente áquelles que se destinam ás carreiras officiaes, á vida das letras, contra o qual tão brilhantemente reclamaram na França Victor Cousin e Saint-Marc-Girardin, e que pesa ainda inexoravelmente sobre a educação nacional, como nma das causas de sua desorganização, vamos dous meios:

a) Reforma do ensino secundario, creando-se, a par do ensino secundario classico-litterario, o ensino intermedio-scientifico;

b) Creação de escolas technicas, commerciaes, agricolas e industriaes.

Cada um destes pontos pede um exame mais demorado — estamos, como se costuma dizer, no amago da questão.

T. DE SOUZA, FILHO.

## NOTAS PHILOLOGICAS

Todos os que estudam a phonologia sabem que a transformação dos elementos litteraes é sempre realisada entre valores homorganicos. As letras labiaes transformam-se em labiaes, as dentaes em dentaes e assim por diante.

A analyse, contudo, depara-nos um

facto curioso, extranho e originalissimo: a permuta unica do l em d, letras heterorganicas, no vocabulo *deixar*, antigo *leixar*, no latim *lazare*.

D'onde provem semelhante anomalia, sem explicação no dominio da lei glottologica das linguas romanas?

Cuido que achei a interpretação d'esse facto teratologico na analyse da phonologia árabe.

A qualidade organica de uma letra não raras vezes depende da conformação do apparelho vocal de uma raça e entre as raças existem differenças perceptíveis de funções physiologicas.

No guarani, por exemplo, as permutas *h—r—t* são perfeitamente normaes: *heté, reté, teté*.

No arabe, a letra *dhad* não só é uma dental, mas tambem lingual por effeito da aspiração que a caracteriza.

O *dhad* arabe é, de ordinario, representado no portuguez pelo d: *dhad*

*alard — al'ardh.*

Nots-se, todavia, que no exemplo a dental *dh* é precedida de *r* lingual.

Quando não se dá a preseça de uma lingual, é necessario que seja instantaneamente creada.

D'ahi o facto de que o *dhad* exige sempre o l:

arrebalde  
ar — rabadh

Esta lei tem uma tão grande importancia, que o l apparece nos proprios casos em que existe a assimilação do artigo arabe:

aldeia  
ad — dhai'a  
aldrava  
ad — dhabbá

É um facto, pois, que o elemento arabe *creun*, entre nós, a nptidão physiologica da equipollencia do l e d.

Creio, pois, que é essa a explicação da permuta anomala: *leixar* e *deixar*.

JOÃO RIBEIRO.

## JORNALS E REVISTAS

O n. 31 d'O *Brazil Medico* contem interessantes artigos sobre medicina e cirurgia e trata da cura da variola pelo acido salicylico, pelo Dr. Marcos Cavalcante e do emprego do sulphureto calcio, na mesma enfermidade, pelos Drs. Henrique de Sá, Veaneio da Silva e Azevedo Sodré.

A *Revista Federal*, orgão do Club Republicano Rio Grandense, traz em seu n. 3 vibrantes escriptos policos dos Srs. Alvaro Chaves, Romaguera Corrêa e José Chaves. Apparece neste n. uma boa *Chronica Politica*, sem assignatura. As suas outras paginas são conaagradadas á varios assumptos.

O fasc. 8, da *União Medica*, dá-nos magníficos trabalhos sobre clinica the-

rapnutica, clinica nsovropathica e therapeuticamente das mucosas. Na sua secção *Revista dos Livros* encontram-se escriptos firmados pelos Drs. João Paulo, Carlos Costa e Vieira ds Mello.

Está excellenta o u. 463 da *Revista Illustrada*. Na sua pagina central traz o retrato de algumas victimas do naufragio do *Rio Apa*, nas outras trata com fino espirito e ironia de assumptos politicos.

Texto magnifico.

Temos os ns. 309,310 e 311 d'O *Occidente* importante revista litteraria que apparece em Portugal.

Trazem excellentes illustrações variadissimo texto e a fulgurante *Chronica Occidental* de Gervasio Lobato.

Em o n. 311, de delicadas e bellas illustrações, encontram-se varios trabalhos firmados por conhecidos escriptores. Gervasio Lobato na sua *Chronica Occidental* trata da propriedade litteraria e do artigo carta que Luiz Ulbach endereçou a S. M. o Imperador n respeito da União Litteraria de Berne.

Na sua secção — *Publicações* encontramos as seguintes palavras sobre dous dos nossos grandes poetas:

« *Versos e Versões*. Raymundo Corrêa. Rio de Janeiro, Typ. e Lith. Moreira Maximino & C. 1887. O Sr. Raymundo Corrêa autor doa *Primeiros sonhos* e *Symphonias*, publicados em 1879 e em 1883, apresenta agora o seu terceiro livro *Versos e Versões*, pelo que se vê que a sua lyra não cança e bem ao contrario se desentranha em saborosos fructos. Prosigua poeta, que entre essa natureza uberrima que o aol vivifica com os seus mais fecundantes raios, a poesia tem o culto apaixonado das imaginações ardentes. Da edição diremos apenas que é luxuosa a que honra o trabalho dos Srs. Moreira Maximino & C., a quem devamos a fineza da offerta. »

« *Sonetos e Poemas*, Alberto de Oliveira. Rio de Janeiro, imprensa de Morsira Maximino & C. 1886. Um livro que não é novo, mas que só agora nos chega ás mãos por delicada offerta dos seus escriptores impressores. Mas o livro não precisa dos nossos encomios porque o nome do seu auctor é a sua principal recommendação, um poeta distincto entre a moderna geração brasileira, cujo nome festejado já passou a linha e veio ecoar neste velho continente de Portugal. E como não ha de ser assim, se nós, abrindo o livro ao acaso, encontramos em suas paginas versos como estes:

*Emfim... Nas verdes pendulas ramadas  
Cantam! pamaros, vinde ouzil-o l rosas,  
Abri-vos! lyrios, resendei! medrosas  
Violetas e dhalias radobradas.*

*Prestae-me ouvido! Saibam-n'o as cheirosas  
Balas e as lairas floridas plantadas;  
Aves e flores, flores e alvoradas,  
Alvoradas e estrellas luminosas.*

*Saibam-n'a agora! as oás, a ephera toda  
Saibam-n'o agora! Emfim, sua mão de leve...  
Borbóletas, que presa! andae-me em roda!*

*Auras, silencio! Emfim, sua mãozinha,  
Sua mão de suspe, sua mão de nese,  
Sua alta mão pude apertar na minha! »*

O *Mequetrefe* insere em seu n. 440 magníficos e graciosos desenhos e um texto bem escripto e da agradável leitura.

A.

(3) Ruy Barbosa. — *Parceir e projecto da Com. de Instr.* Publica da Camara dos Deputados — 1883.



# O VIGARIO

(Poesia recitada, pela primeira vez pelo eminente actor João Rosa, no festival João Caetano, no theatro S. Pedro de Alcântara, a 23 de Agosto de 1897.)

Era um diabo o padre! Alto, giboso, tísico,  
Escaveirada face,  
Olhos fulvos de abutre. Emfim, era o seu physico  
O de um judeu rapaco.

Temiam-n'o os fiéis. Tremula, humildemente  
Tiravam-lhe o chapéu...  
E sentiam um medo estranho, inconsciente,  
Quando o velho Satan lhes falava do Céu...

Aos domingos, na igreja, enquanto o triste acolytho  
Lhe dava a revestir a branca sobrep'iz,  
Arfando amaldiçoava a Igreja em tom insolito;  
Pois fatigava-o muito o morro da matriz.

Detestava a batina. Espirito corrupto,  
No entanto amava o branco e usava-o no trajar.  
Num delirio insensato  
Noitea passava em claro á mesa do barato,  
Bebendo, sem dormir, mstingando o charuto,  
A tossir e a gritar...

Enoapotado, á noite, enquanto resonava  
Pesadamente a villa,  
Lançava-se á aventura, ao amor... O devasso!  
Visto apenas da lua, esplendida e tranquilla,  
Que, a reavalar no espaço,  
Subtil, curiosamente, o padre-acompanhava.

Diziam d'elle horrores!...  
Por exemplo: que um dia esbofeteára rindo  
O cadaver de um velbo, a quem roubara outr'ora  
A filha,—um anjo liado,  
Que era do pobre ancião allivio aos dissabores,  
Da sua triste noite a abençoada anhora...  
Se era verdade ou não... Calava-se o Passado

O certo é que era pae da moça mais galante  
Dae que havia por lá... Um nimo deslumbrante!  
A meu vér a Belleza é filha do Peccado...

Acreditava em Deus?...

Pergunte-se ao abysmo  
Se acredita no sol! Ao vérme desgraçado  
Si cré na alta montanha!...  
O levita de Deus lia Voltaire, Renan,  
Pigault, Jacoliot. Com incrível cynismo,  
Oitava-os nos sermões de uma eloquencia estranha,  
Atrevida e pagã!...

Quando estava de humor, sorrindo, pachorrento,  
Narrava ao seu rebanho alegres anedotas  
Do tempo em que habitára o velbo seminario  
E as cellas do convento;  
Aventuras gentis de frades e devotas!  
E riam-se os fiéis ruidosa, ingenuamente  
E applaudiam, num côro: E boa, seu vigario!

## II

Era pois um diabo! No entretanto,  
Aquelle padre pandego e indecente  
Tinha um ponto de luz, um lado puro,  
Por onde ao Bem ligava-se. Era o amor  
Profundo, immaculado, sacrosancto,  
Que consagrava á mãe, para quem era  
— No seu inverno escuro —  
A esperança, a luz, a primavera!

Sancta velhinha! O filho idolatrava  
Come si fóra o proprio Deus! Escrava  
D'aquella adoração sagrada e immensa,  
Gegá vivia na bemdiota creança.  
De que era o filho um verdadeiro santo.  
Tinha por elle mais que amor materno:  
Tinha respeito, fé, veneração!  
E... cousa estranha! — o sacerdote, enquanto  
Estava da mãe juncto, em oração,  
Nos olhos recebendo-lhe a caricia,  
Sentia dentro d'alma—alma do inferno!—  
Um balsamo, um socego, um delicia,  
Uma doce harmonia inexplicavel!...  
Come se do distante da amplidão  
Viesse um canto dulcissimo, ineffavel...

Mas apenas saído do remanso  
Do socegado lar,  
D'esse porto de Paz piedoso e manso,  
Sentia nos pulmões um ar diverso,  
E o sorriso satânico e perverso  
Aos inbios regressar.

## III

Um dia a velha mãe chamou-o e disse:  
« Filho, eu morro. Bem sinto que a minha alma  
Vae do corpo fugindo-me. A velhinha  
Já me apaga as idéas e as lembranças!  
Quero morrer como christã... » E, calma,  
Com o sorriso doce das crianças,  
Concluiu: « Filho, abenço-a vela brava  
E prepara-me a alma para o Céu. »

Frio, livido, ao chão pregado, mudo,  
O padre ouvira tudo!  
Levou á frente a mão geinda e lenta  
E em rigidos soluços prompceu...

Era forçoso concluir aquillo.  
A velhinha extinguiu-se... O vigario

Porfim ergueu-se. Pallido, tranquillo,  
Foi a vela buscar e o crucifixo.  
Em que sangrava o martyr do Calvario.  
« Ouve-me, filho, em confissão murmura  
A moribunda, o olhar nevoado e fixo.  
« Minha mãe é uma sancta! A mão impura  
Não erguei para absolvel-a... e sim  
Peço-lhe, mãe, que me abençõe, a mim! »

Na mão levando a hostia consagrada,  
Do leito o padre aproximou-se, grave.  
Da moribunda o rosto branco e sunve  
Já reflectia a eterna madrugada;  
E tinha os labios, pallidos, gelados,  
Por um sorriso ethereo illuminados...

Como um faatasma horrivel, o vigario  
Achegou-lhes o pão mysterioso...

Então, naquelle instante unico e pavoroso,  
Como o templo abalado aos pulsos de Samsão,  
Tremou, de baixo acima, o espirito nefario  
Do padre! Houve um oceano asperrino, sanhudo,  
Fervido, a sacudir-lhe o negro coração...  
Foi um d'esses fataes e unicos momentos,  
Em que o espirito geme ás garras da tortura,  
Batido dos tufões dos Remorsos sangrentes,  
Entre a Duvida e a Luz, a Vida e a sepultura!

Pois que! A sua mãe, que expirava sorrindo,  
Aquella sancta velha, aquella alma impollata,  
Que, as uzas sacudindo,  
Subia, envolta em luz, da tenebrosa luta  
Da Vida, como o sol, de immundo lodaçal;  
A esse espirito prente, iagenuo, virginal.  
Quem devia levar a Paz da ultima bora:  
— Deus, a eterna vida, a infinda luz bemdieta,  
A ineffavel Anhora,  
Era elle! — o devasso, o perfido levita,  
O escravo da Materia, o satyro sagrado!...  
O demonio apontando á sancta, o azul dos céus!...  
O' luta sobrehumana! Elle — o crime, o peccado,  
Levar á mãe,—ao anjo,—o clemente, o bom Deus!...

Deus! Um ser, um mysterio, um mytho, em que não cria!

A velhinha, sorrindo, a hostia recebia,  
E expirou... Soluçante,  
Tombou-lhe o padre aos pés...

E então o velho atheu no espirito anhelante  
Sentiu entrar a fé pela primeira vez! (\*)

VALENTIM MAGALHÃES.

— Sendo esta composição um tanto longa, deixou o actor João Resse de accordo com o auctor, de recitar alguns trechos dos menos necessarios ao interesse dramatico.

N. da R.

## O MEU CÉO

*Eu tenho dentro da alma um céu, coalhado  
De estrelas... De outro tempo, uma saudosa  
Recordação, se estende a nebulosa  
Via-Lactea, como um caminho andado...*

*É'ma lua no céu todo estrelado,  
Como um phantasma, corre mysteriosa,  
— Das mortas illuções a silenciosa  
Terra, o paiz dos sonhos despojado.*

*Minha mãe, meus irmãos— gentis crianças,  
Meus amigos, cada um de vós brilhando  
Vejo em meu céu, como uma estrella presa.*

*Entre as saudades e entre as esperanças,  
Tu, com mais brilho avultas, scintillando  
Mais que as estrellas de maior grandezza.*

Julho — 1887.

RODRIGO OCTAVIO.

## THEATROS

S. PEDRO DEJ ALCANTARA

Reapparece hoje, no theatro São Pedro, a grande companhia italiana dirigida pelo assombroso Emanuel.

Representa-se *A morte Civil*, em que o genial artista tem um dos seus melhores papeis, e a comedia em 1 acto *O juramento de Horacio*.

A empresa abriu uma assignatura de cinco recitas, para as peças *Morte Civil*, *Misanthropo*, *Ruy Blas*, *Alcibiades* e *Kean*. Se a empresa quizesse aceitar um conselho nosso, dir-lhe-iamos que substituisse o *Kean* por outra peça qualquer. O *Kean*, além de ser uma comedia detestavel e já muito vista, affirmamos que está mal distribuida, e que Emanuel não gosta do papel do protagonista.

A peça já não agradou em S. Paulo e é provavel que tambem não agrade aqui.

Tanto a empresa como o estupendo actor italiano têm tudo a ganhar com a substituição do *Kean*.

— Porque não ha de ser o *Nero*, que foi apenas uma vez e tanto agradou ao publico?

Companhia do theatro D. Maria II

Esta excellentes companhia, que deu 60 espectaculos em 70 dias, despedio-se do publico na quinta-feira, com *As nadadoras*, *O desquite* e varios monologos. Um bello spectaculo, todo em verso, o que deu á festa um encanto singular.

No final, os artistas foram chamados á scena e longa e calorosamente victoriados pelo publico.

A companhia partio hontem para S. Paulo.

P. TALMA.

## SPORT

No domingo passado o Prado Villa Isabel realiso a sua 8ª corrida com feliz exito, bastante concurrencia e aimação. O programma era impor-

tante e encerrava pareses preenchidos por animaes novos e superiores.

Eis o resultado :

No 1º pareo 1450 metros, Cantngallo (Hebrén), em 98 segundos, venceu os seus adversarios, chegando em 2º logar Rigoletto, e em 3º Serodio. Compusso, Pampello, Vorbena, Veneza e Rabicano, que foi soffreado, não mereceram classificão. Não correram Desdemona, Ondins e Barão de Pituassú. Rateio 25\$000.

No 2º, 1000 metros, Coupon em 66 segundos facilmente venceu os seus competidores, chegando em 2º logar Siva e em 3º Biscaia. Dandy e Dr. Cacete em ultimo logar. Scyla, Le Loup e Victorious não correram. Rateio 12\$600.

No 3º, 1000 metros, Blach-Satin, em 65 segundos fez boa corrida, vencendo os seus competidores, chegando Iara em 2º logar, revelando velocidade e em 3º Claretto. Ouvidor e Cinira não mereceram classificão. Não correram Huguenote e Kumarita. Rateio 15\$600.

No 4º, 1800 metros, Regente em 124 segundos, venceu os seus competidores, que eram fracos. Intima em 2º e Villa Novs em 3º logar. Não correram Tenor e Druid. Rateio 12\$200.

No 5º, 1800 metros, houve infeliz partida, ficando Plutão. Remise, que era a favorita, chegou em ultimo logar, pela má sabida e pela luta com o Dr. Cacete que chegou em 2º. Peruana que se aproveitou desta luta, venceu os seus competidores em 122 segundos. Diva chegou em 3º logar. Não correu Victorious. Rateio 24\$400.

No 6º, 1450 metros, inscreveram-se treze animaes, o que deu logar a ser dividido em duas turmas. Vampa foi o vencedor da 1ª turma, em 99 segundos, chegando em 2º Briosso e em 3º Verbena. Lyra, Feiteira. Medon e Condor não tiveram classificão.

Nesta turma não bouve poule, visto estar o povo exaltado com o resultado inesperado do paro antecedente.

Na 2ª turma foi vencedor Saltarelle em 99 segundos, fazendo regular corrida, e em 2º logar chegou Catana. Tempestade em 3º. Monarcha, Damon e G. Boulanger não tiveram classificão. Rateio 24\$800.

No 7º, 1600 metros, Corcovado foi o vencedor, chegando em 2º logar Juanita e em 3º Erse. Rateio 10\$900.

O movimento das poules foi de 73.700\$000.

Amanhã realisa o Derby Club mais uma corrida. O programma é importante, conferindo um premio de 2:000\$ para cavallos nacionaes, meio sangue, que deverá ser bem disputado pelos valentes animaes que neste pareo comparecerem.

No dia 8 do corrente o Jockey-Club realisa uma corrida, cujo programma é bom e bem preenchido por animaes de todas as forças, que necessariamente deverão travar porfiada luta.

No dia 7 do corrente o Sport Club dará uma corrida com programma regular, presnchido por animaes de todas as qualidades.

L. M. BASTOS

## RAYMUNDO CORRÊA

*Pincel, lapis, buril, cinzel e penna.  
.....  
De aza espalmada e aberta aos quatro ventos...*

(R. Corrêa. Versos e Versões)

*Tuba, theorba, arrabil, cythara e apena,  
Tanges com brio, ó poeta que me encantas!  
E, com taes symphonias, tu supplantas  
O Odio, que aos pés te ruga, como a hyena!*

*Os «Versos e Versões» eil-os em scena!  
Artistas, deante de bellezas tantas,  
Em honra do cantor, jogae-lhe ás plantas  
Pincel, lapis, buril, cinzel e penna.*

*As glorias, que colhendo no Presente  
Estás, não temas que o Futuro esmague-as...  
Canta, pois, sempre: — canta eternamente.*

*Deixa que, livres, vão teus pensamentos  
Varando o espaço, — como altivas aguias,  
De aza espalmada e aberta aos quatro ventos.*

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

## FESTAS, BAILES E CONCERTOS

CLUB HEBE

São sempre encantadoras as reuniões, que esta graciosa sociedade organisa. O sarau-concerto, que se realiso na noite de sabbado passado, com boa concurrencia, esteve brilhante e animado.

O caprichoso programma, constante de varios e escolhidos trechos foi perfeitamente executado e acompanhado de geraes applausos. O baile correu admiravelmente até pela madrugada, rotifrando-se os socios e convidados satisfeitos e muito gratos pelas affabilidades da gentil directoria a quem agradecemos o amavel convite.

CLUB DO ENGENHO VELHO

Honrada com a Augusta presença de S. S. A. A. I. I. esta muito conceituada sociedade organiso uma esplendida festa para commemorar o quinto anniversario da fundação do Club, a qual se realiso com extraordinaria concurrencia, na noite de 27 do passado, com toda a pompa e brilantismo.

O encansavel e habillissimo director dos concertos o Sr. Augusto Weguelin, teve mais um triumpho, pelo seu conhecido gosto no primoroso programma que organiso; não podia ser melhor; os notaveis artistas, as gentis e distinctas amadoras e amadores desempenharam magistralmente as partes de que com acerto se encsregaram, arrancando dos assistentes immensas palmas.

A nova sala, á pouco augmentada, e todas as outras do bello edificio, achavam-se profusamente illuminadas e apresentavam um aspecto deslumbrante pelas muitas e distinctas familias e cavalheiros da melhor sociedade fluminense, trajando vistosos toilettes que produziam bello effeito.

Ao concerto, seguiu-se animadamente o baile, e dançou-se, aliás com difficuldade, tal era a concurrencia, em tres salas, finalizando esta deliciosa festa ás 4 horas da manhã.

Serviço completo e geral alegria nos convidados, que mostravam-se muito agradecidos, pelas amabilidades da mui distincta directoria.

CONCERTO PETIT

Ante uma numerosa e escolhida pla-

téia realiso-sona Pedro II, em a noite de 29 de Agosto, o annuciado concerto organiso pelas Exmas. Mlles. Maria Augusta e Felicité Petit.

Tomaram parte na festa artistica das intelligentes meninas os applaudidos maestros Nascimento, White, Carlos de Mesquita, Cernecchiaro, Nepomuceno, Paulo Carneiro e Libreton, os cantores Sig. Bettina Russo, Maurice Richnrd, Russo la Mattina e um grupo de artistas amadores de instrumento de corda.

A primeira parte do programma começou pela grande *Symphonia em sol de Dancla*, executada com muita correção e elegancia por Mlle. Maria Augusta, no violino.

Tambem nesta parte Mlle. Felicité tocou ao piano um trecho de Tito Mattei *L'élégante* que muito agradou.

O grupo de artistas e amadores acompanhando Mlles. Maria Augusta executou o esplendido *Minueto* de Bolsoni infelizmente um pouco prejudicado pelo desencontro do violoncello e do contrabaixo com os violinos.

A Sig. Bettina Russo e Russo la Mattina cantaram o grande e bellissimo duo da opera *Fosca* do nosso illustre C. Gomes. Nesta parte tambem o Sr. Russo cantou uma *romanza* da opera *Dinorah* de Meyerbeer e o Sr. Maurice Richar uma *romanza* de sua lavra *Nerix pas*.

Na segunda parte foram executados tres originaes *Dansas Hungaras* de Brahms aos violinos com acompanhamento de piano pelos Srs. White, Cernecchiaro, Nepomuceno, Libreton e Paulo Carneiro.

Mlle. Maria Augusta fez ouvir no seu violino a muito conhecida *cavatina* de Raff. Mlle. Felicité executou *Le Delire*, phantasia para piano de grande difficuldade, original de Ravina.

Nascimento fez gemer o seu violoncello umas saudosas melodias de Papper com aquella alma, aquella sentimento, nquella expressão que só elle tem.

Terminou o concerto com a esplendida *Marche Heraigue* de Saint-Saens magistralmente executada a dous pianos pelos grandes pianistas Mesquita e Nepomuceno.

Uma bella noite. As dous organisadoras da festa, flbas do conhecido retratista e leo Augusto Petit, mostram habilidade e estudo e esperamos vel-as artistas de primeira ordem quando voltarem ds viagem que vão fazer a Pariz cujo conservatorio de musica irão frequentar.

Desde já nossas palmas para a noite de apresentação na volta de Pariz.

TIO ANTONIO.

## COLLABORAÇÃO

O TIGRE

*Por toda a parte a luz. A abobada celeste,  
Como um lotus azul se volta para o chão;  
A tunica de sol que a natureza vestu  
Derrama na floresta um rubido clarão.*

*E junto as Ganges santo, á sombra do nopal,  
Não longe dos juncaes, que o rio beija e enflora,  
Erguendo o escuro dorso em curva sensual,  
Tranquillo a tigre bebe emanções da aurora.*

*A mão, nervoso, estende; a cauda se enovella,  
Rôla feliz no chão... Mas pula esfomeado,  
Ao ver entre os sarcaes a tímida gazela.*

*Assim o coração: um tigre mosqueado,  
Que vive em nosso peito e doudo se rebella  
Sentindo approximar-se o seu amor sonhado...*

F. BRIGIDO.

## CONTRASTES

De prado úras as flôres,  
E das flôres os espinhos;  
De sauidade — os dissabôres,  
E do viver os carinhos,

Que o prado fica um deserto,  
Perdem as flôres o encanto,  
Fica a sauidade — indifferente,  
Fica a vida — em mar de pranto.

MARIA CLARA VILHEVA DA CUNHA.

## FACTOS E NOTICIAS

O incomparavel Brito, o grande Brito do Café da Escada, jurou aos seus deuses introduzir tudo no seu estabelecimento, que é uma California. Primeiro foi um *restaurant*, depois um tigre, depois o caldo de canna, depois a machina de fabrica-ção, ali, a vapor, á vista do freguez; depois um talher—candelabro, enorme, escandaloso, trazido de Pariz pelo «Guimarães dos chromos»; depois o calde de canna quente; depois o café torrado e moído em casa, tambem á vista do freguez, e agora, por ultimo — *enforcé le Papagaio!* — a vanda de café moído aos kilos e meios kilos. Cá nos mandou uma amostra.

Qual *Papagaio*, qual *Oriente*, qual *Arara*, qual *Minerva*, qual *Periquito*, qual *Maitaca*, qual carapuças, qual nada!

Isto é que o café e o mais é... uma historia. Que aroma, que sabor! Um nectar!

Quando quizer mandar mais amostras... sem cerimonia... cá estemos.

Endou-se em Nietheroy um novo Club, intitulado — Gruta das Flores. Pelo titulo vé-se que é formado pelo bello sexo e que, como as flores será a sua vida uma verdadeira amphora de perfumes.

A sua directoria ficou assim composta:

Presidente, D. Leonor Cunha; vice-presidente, D. Amelia Nobrega; 1.ª secretaria, D. Luiza Penetra; 2.ª secretaria, D. Herminia Cunha; thesoureira, D. Carlota Cunha; directora de concertos, D. Francisca Gonzaga; conselheiras: D. Maria Penetra, D. Amelia Martins, D. Maria Angelica de Oliveira, D. Rosa Assis e D. Vertula Jobim.

Auguramos á Gruta das Flores uma existencia gloriosissima, digna das gentis senhoras que fazem parte da sua directoria.

E' caso para se darem parabens a Nietheroy.

## CORREIO

Sra. D. Lucia. — Cá recebemos o seu conto refundido e melhorado. Logo que seja possivel, fal-o-emos sabir na *Collaboração*.

Achamos, porém, que muito melhor lhe fica o titulo antigo. E tambem o seu primeiro soneto: bem bonitinho.

Sr. M e S. — O seu soneto *Tarde de Estio* é fraquinho, não aguenta tempo; do que elle necessita, coitadinho! é de repouso; deixem-o, pois, repousar.

Sr. T. X. — Sua poesia *O caimão* é indigesta como uma aliada de pepinos. A pobresinha tem-me assim um ar de cachorro que quebrou panella na cozinha. Emquanto á sua publicação, será servido se não chover.

Sr. ... V. J. O diabo que entenda a sua assignatura! Em vez da primeira inicial do seu nome, que não pude decifrar, puz aquelles pontinhos. O seu soneto *Asencia* tem um acabamento infeliz. Aquelles dous tercetos vieram pôr agua na fervura, ou para melhor dizer: vieram desafinar a rabeca... inda não é isto: esfriar a scena, é que é. Enganei-me ainda: borrar a pintura! é exactamente!... Borrar a pintura é que eu querin dizer.

Sr. E. Carpora. — A sua poesia *A rir*, vae para a *Collaboração*; emquanto que o seu soneto, visto esta secção estar já repleta de freguezes, que esperam occasião de apparecer, mostrará o seu inspirado nariz na *Collaboração*, qualquer dia d'estes.

Depois disto, diga que não sou seu amigo, diga!

Sr. E. Caphort. — Não publicamos o seu soneto (sempre, eternamente soneto! já fede a rato, tanto soneto! Passa fóra!) não publicamos pois a sua historia, (já me envergonho de falar no nome: soneto! Não sei como o pobre coitado, de tão soado, inda conserva os mesmos 14 versos!), que se intitula *Do cair da noite*, porque não lhe quero coitado, a queda. Cair por cair, que caia sómente a noite, que é mais velha; não acaba?

Sr. J. A. — O seu soneto (ainda e sempre) foi indo muito bem (aparte alguns ligeiros e perdoaveis senões) até á 13.ª verso; mas, chegando ahí, — que pena! — deu um trambulhão lastimavel. Esqueceu-se de que é só com chave de ouro que se fecham sonetos, e isto mesmo quando se não tem chaves de diamante. Este verso ataca os nervos á gente: «Oh! como tudo isto é bello e encantado!» Poie olhe, nanja a mim!

Sr. Pedro Ramello. — Logo que haja ensejo, sairá na *Collaboração* a sua *Folta do passado*, soneto dedicado ao nosso compaunheiro H. de Magalhães, que, penhorado, lhe agradece a fneza.

Sr. Oiduaic. — Nem tudo é para todos e nem todos são para tudo. Pois o senhor por ventura pensará que, por ser bom guarda nacional, (o senhor não pode deixar de ser guarda nacional, se é que é já não é tenente coronel) pensa que por ser isto, ha de ser aquillo... quero dizer verzejador? Engana-se rondadamente... desculpe — quadradamente é que eu queria dizer: o senhor só se pode enganar quadradamente. O seu soneto... o seu soneto... soneto... o seu... ora, que diabo! porque razão não hei de eu ser franco?

O seu soneto não presta para os cachorros. Não ouve o rufo das tacões na plateia? Pois, meu bom senhor, recolha-se ás bastidores e não seja... poeta.

Ahi vae o seu pedido mettido num triolet:

« Já que fui *tosado* em prosa,  
Em verso *tose-me* agora!  
De versos dá-me uma grosa,  
Já que fui *tasado* em prosa.  
Eia, lyrn primorosa!  
Versos, versoa sem demora!...  
Já que fui *tosado* em prosa,  
Em verso *tose-me* ogora! »

EUGENIO MARCONDES.

Agora eu. Lá vae a resposta; prepare-se, pois:

Quera mais descomponenda,  
Poeta dos triolets?  
Em vez de mimosa prenda,  
Queres mais descomponenda?  
Pois então lá vae fazenda:  
Não tens cabeça, nem pés...  
Quera mais descomponenda,  
Poeta dos triolets?

Vate, que cheiras a ranço,  
Mette a cabeça um sacco...  
Aguenta-te no balanço,  
Vate, que cheiras a ranço.  
De te *tosar* não me canço;  
Apanha p'ra o teu tabaco,  
Vate, que cheiras a ranço...  
Mette a cabeça num sacco.

Oh! que terrível bilontra  
Que se fez este Marcondes!  
Outro maior não se encontra;  
Oh! que terrível bilontra!  
Aos teus triolets sou contra...  
Vae ser conductor de bonds.  
Oh! que terrível bilontra  
Que se fez este Marcondes!

Poetastro d'agua doce,  
Vae bugiar, não me amoles.  
Larga a lyra, pega n' fouce,  
Poetastro d'agua doce.  
A tua musa myrrou-se!...  
Antes quo todo te atoles,  
Poetastro d'agua doce,  
Vae bugiar, não me amoles. »

ENRICO.

## ANUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyró de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## LYRICA

DE

## FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

## VERSOS E VERSÕES

DE

## RAYMUNDO CORRÊ

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

## ONDULAÇÕES SONORAS

Poesias do Padre M. A. Ferreira Academico. A' venda na Livraria Garnier; cada vol. broch. 2\$000. Encad. 4\$000.

## SOARES DA CAMARA

QUIMICO PHARMACEUTICO

Análises de productos naturaes e industriaes, e urinas, calculos e ardas da bexiga.—Rua 1.ª de Março n. 22, pharmacica e drogaria.

**Pharmacia Monteiro** Praça da Constituição n. 23, em frente á estatueta. Vinho de pepaina e diastase pancrentiundo, preparado por Monteiro & Marques.

**Almanach de Casa Branca** Sairá a lume em Dezembro esta obra, publicada por Wenceslao d'Almeida e Lafayette de Toledo. Preço 2\$000.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por percentagem rnzovavel. Cidade de Ouro Fino, Minns.

**Constructores de machinas e apprelhos para Invoura**—Schubert, Irmãos & Ians. — Juiz de Fora.

Compra-se uma machinn de cortar papel, de lamina não inferior a 50 centimetros; recebem-se propostas no escriptorio d'esta folha ou em Ouro Preto, casa do Coronel Fabricio Ignacio do Andrade.

**Alvoro mattinas**, poesias de Carlos S. de Avelar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Juilor. A sair do prelo. Preço do volume: 2\$000.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 90. R. Rua do Cosmo Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rei Branco, nº. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidar e amigaveia ou judiciaes na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cozinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo. — Incumbe-se gratuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Dr. João Botelho, medico e operador; molestias veneraeas, syphiliticas e das vias urinarías. Operaçõeas de peqna e alta cirurgia. Applicaçõeas medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 5, por cima da antiga pharmacica Fragozo, das 12 ás 3 horas.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Solicitador—Francisco R. de A. Nvae—Juiz de Fora.

# DERBY-CLUB

## PROGRAMMA DA DECIMA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 4 DE SETEMBRO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

## GRANDE PREMIO PROGRESSO

1º pareo—A's 12 horas—**Lemgruber**—1609 metros—Animas nacionaes de meio sangue, que não tenham ganho este anno —Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ segundo e 50\$ ao terceiro

| Ns. | Nomes               | Pelios   | Idades | Naturalidades | Pesos   | Cores das vestimentas     | Proprietarios          |
|-----|---------------------|----------|--------|---------------|---------|---------------------------|------------------------|
| 1   | Araby               | Alezão   | 5 ans  | R. de Jane.   | 54 kil. | Grénate ouro              | Coud. Carioca.         |
| 2   | Gambetta            | Zaino    | 5 »    | S. Paulo      | 54 »    | Preto e rosa              | M. G.                  |
| 3   | Tempestade          | Castanho | 4 »    | Paraná        | 52 »    | Azul e grénat.            | Coud. Paraná.          |
| 5   | Fagote              | Vermelho | 6 »    | S. Paulo      | 54 »    | Vermelho                  | Tattersall Campineiro. |
| 4   | Rabecão             | Preto    | 6 »    | Idem          | 54 »    | Vermelho e faixa          | Idem. Idem.            |
| 6   | Medon               | Rosilho  | 4 »    | Paraná        | 52 »    | Azul e branco             | S. W.                  |
| 7   | Americana           | Tordilho | 5 »    | R. de Jane.   | 52 »    | Azul e ouro               | D. Julia Vieira.       |
| 8   | Boyardo             | Alazão   | 5 »    | S. Paulo      | 56 »    | Branco e estrellas azues. | Coud. Guanabara.       |
| 9   | Vampa               | Zaino    | 5 »    | R. Grande.    | 56 »    | Azul e grénat.            | Coud. Paraizo.         |
| 10  | G. Boulan., ex-Doge | Castanho | 4 »    | S. Paulo      | 52 »    | Encarnado e preto.        | Luiz Pradez.           |

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Extra**—1200 metros—Animas estrangeiros de 2 annos que não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

|    |                    |          |       |             |         |                          |                     |
|----|--------------------|----------|-------|-------------|---------|--------------------------|---------------------|
| 1  | Koumarita          | Zeino    | 2 ans | França      | 46 kil. | Azul e amarello          | B. Rocha.           |
| 2  | Apollo             | Alazão   | 2 »   | B. da Praia | 47 »    | Azul e grénat.           | P. R. M.            |
| 3  | Iára               | Castanho | 2 »   | Inglaterra. | 46 »    | Preto e prata            | P. L. M.            |
| 4  | Sir Telamond       | Idem     | 2 »   | Idem        | 47 »    | Rosa e bonet preto       | Coud. Intimidade.   |
| 5  | Cinira             | Alezão   | 2 »   | Idem        | 46 »    | Branco preto e encarnado | J. V. S.            |
| 6  | Claretto           | Castanho | 2 »   | Idem        | 46 »    | Branco e estrellas azues | Coud. Guanabara.    |
| 7  | Little-Prince      | Idem     | 2 »   | Idem        | 47 »    | Havana e azul            | J. S. P. A.         |
| 8  | Egriot             | Alazão   | 2 »   | Idem        | 46 »    | Grénat violeta           | J. P. R.            |
| 9  | Escudo             | Zaino    | 2 »   | Idem        | 47 »    | Encarnado e mangas azues | Coud. Brazileira.   |
| 10 | Phenix             | Alazão   | 2 »   | Idem        | 46 »    | Idem e faixa             | Idem                |
| 11 | Houblon            | Castanho | 2 »   | França      | 47 »    | Ouro e preto             | F. Schmidht.        |
| 12 | Clazone, ex-Ultor. | Alazão   | 2 »   | Idem        | 47 »    | Grénat e ouro            | Mario de Souza.     |
| 13 | Half-Way           | Zaino    | 2 »   | Inglaterra. | 46 »    | Azul ouro e grénat.      | Coud. Hannoveriana. |

3º pareo—A's 1 1/2 horas—**Cosmos**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

|   |            |          |       |             |         |                          |                   |
|---|------------|----------|-------|-------------|---------|--------------------------|-------------------|
| 1 | Queen      | Castanho | 3 ans | Inglaterra. | 47 kil. | Ouro e branco            | Coud. Fluminense. |
| 2 | Amazonas   | Idem     | 3 »   | Idem        | 49 »    | Azul e amarello          | C. & F.           |
| 3 | Paraguaya  | Idem     | 3 »   | Idem        | 47 »    | Azul e grénat.           | P. Lima.          |
| 4 | Perception | Idem     | 3 »   | Idem        | 47 »    | Havana e azul            | J. F. R.          |
| 5 | Phenicia   | Alazão   | 3 »   | Idem        | 53 »    | Encarnado e mangas azues | Coud. Brazileira. |
| 6 | Remise     | Preto    | 3 »   | França      | 51 »    | Ouro e preto             | F. Schmidht.      |
| 7 | Rabelais   | Alazão   | 3 »   | Idem        | 49 »    | Ouro, preto e faixa      | Idem.             |
| 8 | Pharao     | Idem     | 3 »   | Idem        | 49 »    | Azul, branco e encarnado | Coud. Cruzeiro.   |

4º pareo—A's 2 1/4 horas—**Derby-Club**—1609 metros—Animas nacionaes de meio e puro sangue—Premios: 1.000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

|   |           |          |       |             |         |                          |                      |
|---|-----------|----------|-------|-------------|---------|--------------------------|----------------------|
| 1 | Boreas    | Castanho | 5 ans | S. Paulo    | 64 kil. | Grénat e violeta         | Coud. R. de Janeiro. |
| 2 | Diva      | Alazão   | 5 »   | R. de Jane. | 60 »    | Ouro e branco            | Coud. Fluminense.    |
| 3 | Argentino | Castanho | 4 »   | Idem        | 52 »    | Grénat e lyrio           | D. A.                |
| 4 | Plutus    | Idem     | 4 »   | S. Paulo    | 56 »    | Azul, branco e encarnado | Coud. Cruzeiro.      |
| 5 | Corcovado | Idem     | 3 »   | R. de Jane. | 51 »    | Grénat e ouro            | Mario de Souza.      |
| 6 | Dandy     | Idem     | 4 »   | S. Paulo    | 56 »    | Grénat e bonet ouro      | F. Vianna.           |

5º pareo—A's 3 horas—**Grande Progresso**—2400 metros—Animas nacionaes de meio sangue—Premios: 2.000\$ ao primeiro, 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

|   |          |          |       |             |         |                          |                        |
|---|----------|----------|-------|-------------|---------|--------------------------|------------------------|
| 1 | Gambetta | Zaino    | 5 ans | S. Paulo    | 52 kil. | Preto e rosa             | M. G.                  |
| 2 | Tenor    | Idem     | 4 »   | Idem        | 50 »    | Vermelho                 | Tattersall Campineiro. |
| 3 | Regente  | Castanho | 4 »   | Idem        | 50 »    | Vermelho e preto         | A. P.                  |
| 4 | Odalisca | Pampa    | 4 »   | Idem        | 47 »    | Verde branco e encarnado | Coud. Excelsior        |
| 5 | Mositor  | Castanho | 4 »   | Idem        | 50 »    | Azul branco e encarnado  | Coud. Cruzeiro.        |
| 6 | Drnid    | Tordilho | 5 »   | R. de Jane. | 52 »    | Branco e bonet encarnado | Oliveira J. & Lopes.   |

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Rio de Janeiro**—2400 metros—Animas de qualquer paiz de puro sangue—Premios: 2.000\$ ao primeiro 400\$ ao segundo e 200\$ ao terceiro

|   |          |          |       |             |         |                         |                      |
|---|----------|----------|-------|-------------|---------|-------------------------|----------------------|
| 1 | Scylla   | Castanho | 4 ans | Inglaterra. | 49 kil. | Grénat e violeta        | Coud. R. de Janeiro. |
| 2 | Phrynéa  | Idem     | 5 »   | Idem        | 53 »    | Ouro e branco           | Coud. Fluminense.    |
| 3 | Salvatus | Alazão   | 4 »   | França      | 56 »    | Azul branco e encarnado | Coud. Cruzeiro.      |
| 4 | Satan    | Castanho | 4 »   | Idem        | 50 »    | Grénat e onro           | Mario de Souza.      |

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Excelsior**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos, que não tenham ganho—Premios: 600\$ ao primeiro 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

|   |         |          |       |             |         |                           |                        |
|---|---------|----------|-------|-------------|---------|---------------------------|------------------------|
| 1 | Juanita | Baio     | 3 ans | R. de Jane. | 47 kil. | Grénat e lyrio            | L. C.                  |
| 2 | Lyra    | Alazão   | 3 »   | S. Paulo    | 49 »    | Vermelho                  | Tattersall Campineiro. |
| 3 | Cecy    | Castanho | 3 »   | R. de Jane. | 49 »    | Ouro e branco             | Coud. Fluminense.      |
| 4 | Ersa    | Pampa    | 3 »   | S. Paulo    | 49 »    | Verde, branco e encarnado | Coud. Excelsior.       |

# EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO

COM Hypophosphitos de Cal e Soda. **Approvada pela Exma Junta Central de Hygiene Publica e autorizada pelo governo**

É O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tisica, Bronchites, Escrofulas, Rachitis, Anemia, Debilidade em Geral, Defluxos, Tosse Chronica e Affecções do Peito e da Garganta.

É muito superior ao oleo simples do figado de bacalhau, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypophosphitos

A VENDA NAS DROGARIAS E BOTICAS

## COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIREGIDO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qual quer hora. Estatutos nas principais livrarias.

## AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus inglezes e francezes encontram-se na

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus fins

120 Rua do Ouvidor 120

## GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

## RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A.

Recehem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

Typ. d' A Semana, r. do Ouvidor, 45, sobrado